



Inverdades ditas com humor revelam verdades nada engraçadas: ¹

Uma análise sobre o programa “Sensacionalista”

Juliana FREIRE BEZERRA²

Professor Orientador: Wilfredo MALDONADO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Tomando como objeto de análise o programa humorístico “Sensacionalista”, que faz referência ao jornalismo em geral e ao sensacionalista em particular, este artigo tem como objetivo refletir como aqueles legitimam a imagem de detentor da verdade através do uso de recursos próprios da narrativa jornalística. O programa veiculado no Multishow é uma adaptação televisiva do site de humor homônimo, o qual veicula notícias fictícias estruturadas com estética similar a utilizada em jornais convencionais.

PALAVRAS CHAVES: Sensacionalismo; jornalismo; humor; catarse; ironia.

INTRODUÇÃO:

O conceito de sensacionalismo no jornalismo comumente é empregado quando se quer fazer referência a um conteúdo de caráter duvidoso, não muito comprometido em realçar a verdade, mas em angariar consumidores. Por vezes, o sentido do jornalismo adjetivado como sensacional é empregado também para qualificar o jornalismo popular, já que não é incomum este veículo produzir matérias com forte apelo às emoções, ao trágico, ao grotesco, à sexualidade como maneira de atrair o público.

A referência ao termo em ambos os casos não está de todo equivocada, visto que, a narrativa sensacional é aquela que justamente realça as emoções, os sentimentos mais profundos do ser humano. Atrelar esta noção a um único discurso- seja o popular ou o inverídico- no entanto, limita a abrangência do termo.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: juliana_freire6@hotmail.com

³ Professor Doutor do Curso de Jornalismo da UFPB, email: wilfredomaldonado@hotmail.com



Para Carneiro (2010), o conceito de sensacionalismo está mais atrelado à vida moderna, como uma necessidade social em época de caos da vida humana, do que a apenas um recurso discursivo, embora não se exclua esta funcionalidade.

As revoluções e os movimentos culturais ocorridos na Europa que corroboraram com a passagem da Idade Média para a Moderna provocaram mudanças substanciais na vida cotidiana das pessoas repentinamente. O sensacionalismo nasce, portanto, da necessidade humana de expurgar os conflitos interiores gerados pelo não entendimento claro da vida social imposta pelo modo de produção capitalista, pelos adventos tecnológicos, pela urbanização.

É certo que esse processo de passagem de uma era para outra demorou séculos para se firmar. O Renascimento, que foi um movimento cultural extenso em espaço e tempo- datado do século XIII ao XVII- por exemplo, evidencia esse processo de mudança da visão mística de mundo para a científica. O Iluminismo e a Revolução Francesa, propagando o uso da razão como o único caminho para se conhecer a verdade, desmistificavam as explicações religiosas, e só, por conta disso, já se tem um parâmetro das angústias humanas em empreender que o conhecido na verdade não o era e que, naquele momento, o esforço dos intelectuais seria destinado a provar empiricamente que o que antes era tido como verdade se explicaria de outra maneira.

A Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, na Inglaterra, intensificou as mudanças que aconteciam em sociedade. Arrolado à lógica do lucro proveniente do capitalismo moderno, o trabalho, que era artesanal e realizado de forma integral, passou a ser mecânico e especializado. A vida pessoal que se confundia com a profissional, já que o labor era exercido em domicílio ou em ambientes públicos, foi minimizada a horas de sono, haja vista que o tempo destinado ao trabalho tomava cerca de dois terços do dia. Acrescido a isto, o ritmo do exercício do labor passou a ser imposto pelas máquinas, de forma que os operários não tivessem que pensar sobre o que executavam, apenas o faziam de forma repetitiva e frenética. Devido a este contexto caótico, as pessoas estavam perdidas com o rumo que suas vidas haviam seguido e precisavam externar a angústia que lhes assolava.

A narrativa sensacional surgiu no século XV, dessa forma, como uma alternativa de expurgar a inquietação da sociedade moderna que estava se firmando, fosse isto realizado em enredos fictícios ou verídicos. Para Carneiro (2010), o sensacionalismo é o apelo ao grotesco e às emoções numa narrativa consumida por qualquer pessoa inserida na sociedade vigente, já que esta é uma sociedade de hiperestímulos. Assim,



funcionando como catarse, o discurso sensacional alivia o ser humano das tensões que lhes aflige, sem que seja necessário externá-las de maneira agressiva em sociedade. Ou seja, o sensacionalismo é uma ferramenta de regulação social.

Na leitura da notícia excepcional, grotesca, erótica, violenta, o leitor libera a fisionomia própria dos seus sonhos, desejos, temores e horrores. A projeção no sócia, personagem do fato, permite a expulsão fora de si dos sentimentos de medo, mal, fatalidade, violação de tabus e leis, que estão obscuros em si. (CARNEIRO apud PEDROSO , 2001: 51).

De acordo com Carneiro (2010), para desempenhar esta função, a narrativa sensacionalista deve incorporar o discurso fantasioso e o real simultaneamente, independente se o discurso trata de uma ficção ou de uma história verídica. A verossimilhança na ficção serve como ponte entre o leitor e a realidade a fim de que ele consiga se identificar de alguma maneira com o conteúdo da obra para sofrer o efeito catártico, já que este só ocorre quando há sentimento de identificação. Nas narrativas reais, por sua vez, o sensacionalismo exibe-se, quando exalta o sentimento, o fantasioso, o extraordinário que o acontecimento relatado pode conotar em detrimento do fato em si. A noção de fantasia, neste caso, é quem permite a ponte entre a realidade e o ilusório, fazendo com que o espectador migre para o campo emocional sem afastar-se por completo do racional. Toda narrativa sensacional carrega em si, portanto, doses de realidade e ficção. Estas, contudo, são medidas de acordo com o que se deseja evidenciar e de como se propõe a fazê-lo.

No jornalismo sensacionalista, o *lead*- que indica o quê, onde, quando, como o fato narrado ocorreu- funciona como uma ferramenta que particulariza os detalhes do acontecimento a fim de aproximar o receptor da realidade. A sequência textual empregada no jornal também auxilia esse processo de identificação que se firma. Para Carneiro (2010), simultaneamente, esta narrativa emprega o apelo à emoção, que, além de um efeito catártico, gera também a função de alerta social. Isto é, explorando os sentimentos, o jornalismo sensacionalista, por vezes, consegue comover seu público, fazendo-o refletir sobre o mundo de maneira mais humana e sensível, de forma tal a gerar mobilizações, por exemplo, por causas coletivas.

O “Sensacionalista”, meu objeto de análise neste artigo, como programa humorístico que realiza referência ao jornalismo em geral e ao sensacionalista em particular, mescla conceitos acerca do sensacionalismo oferecidos pelo senso comum e pela academia.



O próprio nome do programa e o seu slogan, “um jornal isento de verdade”, realizam referências ao conceito de sensacionalismo que se dá a um jornalismo não comprometido com a verdade, já que as notícias do programa são inventadas. Abarcando o conceito científico, o programa é tido como sensacionalista porque combina o uso do grotesco, do inusitado e da ficção com particularidades linguísticas da narrativa jornalística que aludem à realidade do receptor. Negando o conceito de jornalismo mal feito e de gosto extravagante, no entanto, o “Sensacionalista”, ao contrário, possui estética harmoniosa semelhante à encontrada no jornalismo convencional, vide a figura exibida.

Sensacionalista

um jornal isento de verdade





METADISCURSO E CONTRATO DE LEITURA

O programa analisado, ao realizar uma paródia do jornalismo em geral e do sensacionalista em particular, a partir da imitação do discurso utilizado nestas duas mídias, caracteriza-se como um produto metadiscursivo.

O conceito de metalinguagem foi lançado por lógicos da Escola de Viena e da Escola Polonesa, na necessidade de se diferenciar a língua falada da de que se fala. Importando tal conceito para a linguagem audiovisual, o metadiscorso dessa mídia seria falar dela mesma em seu meio, como ocorre no “Sensacionalista”.

Geralmente programas pensados assim, por se adequarem à lógica do modo de produção vigente, visam estimular o consumo delas mesmas como forma de atrair a curiosidade do telespectador. Não por acaso, a maioria das produções audiovisuais metadiscursivas enfatiza o processo de como se chega à confecção da notícia. O “Profissão Repórter”, exibido na Globo, é um exemplo claro desta ideia. Neste programa o realce realizado é destinado a como se produz a matéria jornalística através da tecnicidade utilizada. Distanciando-se um pouco da lógica que os programas metadiscursivos costumam seguir, o “Sensacionalista” propõe para o debate justamente o contrário, que é a discussão sobre o que são verdade e ficção nos conteúdos veiculados por telejornais tão comprometidos em passar a imagem de espelho da realidade.

Ao utilizar-se dos recursos estéticos próprios do jornalismo que são considerados de credibilidade, o programa em análise permite refletir como as notícias podem parecer verdadeiras sem serem. Não fosse a improbabilidade dos conteúdos veiculados no “Sensacionalista”, as matérias podiam ser consideradas a priori como reais sem questionamentos contraditórios sobre elas, já que a estética utilizada no programa é a mesma encontrada nos telejornais que se legitimaram como representantes da realidade tal qual ela é. O que já é um paradoxo em si, haja vista que a representação é uma versão da realidade, e, portanto, o real em partes, e não por completo, como o sugerido.

Dessa forma, o “Sensacionalista” segue na contramão da linha que os programas metadiscursivos comumente são pensados, uma vez que, mais do que retratar o que há por trás das câmeras, ele revela o que há por trás das notícias. Para tanto faz uso de outro recurso, o humor.



Para entendermos como o humor promove tal reflexão metadiscursiva, precisamos ter em mente que todo programa midiático se constitui a partir de um contrato de leitura, que é o acordo que o veículo pretende estabelecer com o receptor. Nesse contrato são firmados a quem o programa pretende atingir e a forma como pretende interagir.

No caso do jornalismo convencional, os programas visam passar para seus espectadores a crença de que o que está sendo ali dito é a verdade, a realidade. Para tanto, uma série de estratégias foram pensadas para confirmarem o que as empresas jornalísticas pretendem transmitir.

A linguagem objetiva e clara, por exemplo, sem muitos adjetivos e descritiva tem como função demonstrar que o repórter está comprometido em informar os fatos sem o recurso da parcialidade e da subjetividade, o que poderia colocar em descrédito a notícia. As imagens também comprovam que o discurso enunciado de fato aconteceu. O uso de aspas, em que as pessoas que testemunharam o fato relatam o acontecido, a estética do programa que pretende evidenciar seriedade e comprometimento com a verdade, a postura e entonação de voz dos apresentadores e âncoras, a seleção de especialistas como fontes fomentadoras do discurso em questão. Toda essa estrutura colabora para que o jornalismo seja visto como um espelho da sociedade, embora saibamos que não é, uma vez que, como citado anteriormente, o recorte que se dá na realidade já demonstra que as matérias carregam em si subjetividade e são passíveis de várias interpretações, até porque a realidade é plural e, por isso, depende muito de quem a analisa.

“O Sensacionalista”, por sua vez, utiliza-se dos recursos desse jornalismo tradicional para firmar outro contrato de leitura com seus espectadores, que não é o de confiabilidade. Como todo programa de humor, o objeto desta análise tem como propósito fazer seu público rir.

HUMOR COMO FORMA DE DIZER A VERDADE

Os estudos sobre o riso datam da Grécia Antiga, de 400 a.C, época em que os filósofos entendiam que os quatros humores existentes no ser humano- sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra- quando equilibrados conferiam estabilidade emocional às pessoas. Muitas pesquisas desde então foram realizadas acerca do riso, mas não existe consenso quanto a sua origem.



É sabido que o riso é uma característica inerente ao ser humano e que por volta dos 40 dias de vida, o bebê sorri retratando sentimento de bem estar. Outro riso, contudo, surge à medida que tomamos consciência do mundo. A este os estudiosos chamam de humor.

O humor só é possível com cognição, pensamento, emoção, percepção. Ele acontece quando comparamos contextos e os achamos engraçados pela sua conexão intertextual.

O humor está relacionado com o inesperado, por isso fascina. Ele engana ao mesmo tempo em que apresenta a verdade. Para Castro (Castro, 2003: 137), fazer rir aliando subversão e emoção produz uma comunicação menos rígida. Mas também, segundo a pesquisadora, o interesse do humor está em aprofundar-se na realidade, podendo assim revelá-la de uma forma que não seja convencional. (BASTIAN, 2006)

Há ainda um subproduto do humor, que é a ironia. Para Propp (1992), a noção de ironia é considerada como algo que expressa com palavras um conceito, mas subentende outro, que é contrário. Ou seja, a ironia carrega consigo sua carga conotativa, de falar sem dizer, revelando um sentido que está implícito no discurso e se choca com o contexto, conferindo, por isso, humor à situação. A forma mais corrente de ironia consiste em dizermos num tom sério o que não foi pensado seriamente.

No “Sensacionalista” ocorre justamente isto: a contradição entre o conteúdo e a forma que se exprime a mensagem é o que traz o riso. Uma vez que há a quebra de expectativa, quando se produz notícias improváveis de serem reais estruturadas de acordo com critérios que regem a narrativa jornalística, a cognição comparativa do telespectador é acionada conferindo humor à situação relatada.

Esta reflexão confirma a ideia de que o humor não ligado à noção de bem estar precisa da cognição para existir. Além da linguagem verbal, a linguagem visual utilizada no programa também provoca o humor justamente pela comparação entre os contextos. O que não é sério sendo dito e exibido de forma séria, causa um estranhamento no telespectador que provoca o riso.

Paradoxalmente, atrelada ao humor, a seriedade que estava exposta pela estética do discurso aparece de maneira latente na narrativa produzida pelo programa. Isto porque, através da comparação intertextual que o humor e a ironia permitem, enquanto estados inseparáveis da cognição, o “Sensacionalista” permite fazer o espectador refletir sobre o quanto se consome de forma acríica narrativas jornalísticas que não estão tão



comprometidas em relatarem a realidade, como o sugerido, revelando, assim, verdades nada engraçadas.

De modo esquemático, pode-se dizer que, para as teorias clássicas, o sério e a gravidade coincidem com a verdade, de modo que o não sério (o espaço do riso) é o não-verdadeiro. Na abordagem moderna, o sério e a gravidade não coincidem mais com a verdade; o riso continua a ser o não sério, mas isso, agora, é positivo, porque significa que ele pode ir para além do sério e atingir uma realidade “mais real” que a do pensado. O não-sério passa a ser mais “verdadeiro” que o sério, fazendo com que a significação do riso se torne “mais fundamental”. Dir-se-ia que uma teoria do riso que não incorpore essa mudança não é mais possível [...]. (ALBERTI, 2002, p. 197).

Dessa forma, podemos empreender que por meio do humor, o “Sensacionalista” provoca a reflexão sobre a legitimação que o jornalismo alcançou como detentor da verdade, ao ponto em que não se questiona a veracidade das notícias veiculadas. Tanto o é, que não é incomum encontrar usuários desavisados nas redes sociais discutindo sobre notícias fictícias produzidas por veículos como o “Sensacionalista”, neste caso, pensando serem elas reais só por causa da forma como estão estruturadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou verificar como o programa “Sensacionalista” permite através do uso do humor e do metadiscorso gerar reflexões sobre os conteúdos veiculados no jornalismo convencional.

Produzindo notícias fictícias com a mesma estrutura narrativa encontrada em produções jornalísticas consideradas de credibilidade, o programa nos faz refletir sobre como os conteúdos veiculados na mídia podem passar por verdadeiros sem serem, apenas por estarem formatados de acordo com a cartilha de redação jornalística.

Dessa forma, o “Sensacionalista” permite gerar questionamentos aos seus telespectadores como: Até que ponto o jornalismo incutiu na sociedade a ideia de que é o detentor da verdade? Em que medida as pessoas se questionam se o discurso veiculado no jornal é verdade ou apenas uma versão possível da realidade? De que forma este discurso é produzido? Ou ainda, o que rege o discurso produzido?

O programa consegue, portanto, permitir a abstração crítica de discursos que a sociedade se acostumou a consumir, em muitos casos, de maneira pouco reflexiva. Realizando a referência ao jornalismo em geral e ao sensacionalista em particular, o programa revela através da ironia que inverdades ditas com humor podem revelar



verdades que não costumamos pensar cotidianamente ao consumirmos as notícias, como a de que o jornalismo, por interesses editoriais, distancia-se, por vezes, do relato da realidade para favorecer um determinado grupo sem que seja questionado por isso. O “Sensacionalista”, portanto, levanta a questão de que o consumidor precisa ter um olhar mais apurado para empreender a lógica tácita da ideia que compra.



REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Varena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Editora Zahar. São Paulo, 2002.

BASTIAN, Mariana. Pânico na TV: A (a) firmação do circo midiático. **UNIREvista**, São Paulo, Vol. 1, nº 3, julho de 2006.

CARNEIRO, Carolina Maria Zoccoli. Narrativa sensacionalista e ficção especulativa sobre o aquecimento global: Catarse, alerta, realidade e ficção em “O Dia Depois de Amanhã”. **CIBERLEGENDA**, Rio de Janeiro, nº 22, 2010.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. Editora Ática. São Paulo, 1992.

TORRES, Simone Doyle. Entre a pele e a víscera: Considerações sobre o engendramento dos processos de autorreferência e reflexividade em meio audiovisual. **Facos**, Santa Maria-RS.